Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v38i145.943
ESTUDOS BÍBLICOS

A carta de Jeremias aos exilados (Jr 29,1-14):

Reconstruir no presente com o olhar no futuro

The Jeremiah's letter to the exiles (Jr 29,1-14): rebuilding in the present with an eye on the future

Davi Dagostim Minatto*

* Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma.
Professor na Universidade La Salle, Canoas, Brasil.
davidminatto@gmail.com

Recebido em: 11/03/2022
Aprovado em: 31/03/2022

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Os tempos de reconstrução nem sempre são momentos ideais, favoráveis. Muitas vezes é necessário reconstruir em situações hostis, que pouco inspiram a esperança. O presente artigo procura explorar a difícil situação vivida pelos exilados de Judá quando receberam uma carta do profeta Jeremias exortando-os a reconstruírem suas vidas na Babilônia, longe de sua terra e de seus ideais. Eles foram convidados a plantar, edificar casas, unir-se em matrimônio, gerar filhos, procurar a paz e rezar pela Babilônia, pois sua permanência na terra do exílio não seria breve, ao contrário do que os falsos profetas procuravam apregoar. A "carta aos exilados", como ficou conhecida, deve ter sido um duro golpe às expectativas humanas dos exilados, mas continha sábias instruções para que os judaítas pudessem reconstruírem suas vidas com os pés na realidade e com os olhos no futuro esperado para seus filhos. Justamente por isso, esta carta pode trazer inspiração também para nós hoje, pois os tempos de reconstrução às vezes são difíceis, mas a sabedoria para lutar e esperar passa pela capacidade de olhar para frente com os pés no chão.

Palavras-chave: Carta de Jeremias. Profecia. Exílio. Reconstruir. Esperança.

Abstract

The times of rebuilding are not always ideal or friendly moments. Sometimes, we have to rebuilt in hostile conditions, that do not inspire hope. This article seeks to explore the hard situation of the Judah's exiles when they received a letter from the prophet Jeremiah exhorting them to rebuild their lives in Babylon, far from their land and their ideals. They were invited to plant, to build houses, to marriage, to bear children, to seek peace and to pray for Babylon, because their stay in the land of exile would not be brief, unlike what the false prophets preached. The "letter to the exiles", as it became known, must have been a severe blow to the human perspectives of the exiles, but it contained instructions for the Judahites, so that they could rebuilt their lives with the feet in reality and with the eyes on the future for their children. Precisely for this reason, the letter can bring inspiration also to us

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

today, since the times of rebuilding are difficult, sometimes, but the wisdom to fight and to hope is connected with the ability to look ahead with the feet on the ground.

Keywords: Jeremiah's Letter. Prophecy. Exile. Rebuilding. Hope.

1 Introdução

Quando falamos de "tempos de reconstrução" normalmente pensamos em um contexto positivo, favorável, ideal para um recomeço. Mas a realidade frequentemente é mais áspera. Às vezes é preciso reconstruir em meio a uma situação histórica que não inspira renovação nem esperança. O profeta Jeremias também se viu diante de uma situação completamente desfavorável à reconstrução, mas soube instruir seus ouvintes para que buscassem reedificar suas vidas no contexto hostil do exílio. Estamos falando da assim chamada "carta aos exilados" no capítulo 29 do livro de Jeremias.

O texto de Jr 29 contém a "carta aos exilados" (vv. 1-23), seguida por uma segunda carta enviada pelo profeta mais tarde (vv. 24-28) e a resposta de Jeremias a uma carta enviada por um profeta na Babilônia (vv. 29-32). Dentro da carta aos exilados, os vv. 1-14 tratam da reconstrução da vida dos deportados, no presente, na Babilônia e, no futuro, em Jerusalém. Em seguida, os vv. 15-23 contêm uma condenação aos habitantes de Jerusalém e aos falsos profetas no exílio (LUNDBOM, 2008, p. 347). No presente artigo, trataremos da primeira parte da carta (vv. 1-14), sobre as indicações de Jeremias aos exilados para que reconstruíssem suas vidas na Babilônia, sem perder de vista o futuro retorno a Jerusalém, mesmo que tardasse.

O texto Massorético é mais longo do que o texto da Septuaginta deste capítulo. Isso se explica especialmente mediante dois conceitos da crítica textual: algumas expansões no texto hebraico, e algumas haplografias na vorlage hebraica do texto grego (HOLLADAY, 1989, p. 134). Neste artigo, tomaremos como base o texto hebraico , traduzindo-o diretamente, e só citaremos algumas diferenças na Septuaginta quando necessário.

Admitimos, junto com maioria dos exegetas, que a carta aos exilados deve conter um núcleo original, atribuível a Jeremias, e que muitos versículos foram acrescentados posteriormente , mas não aprofundaremos, neste estudo, as questões de história da redação, pois mesmo que haja acréscimos na carta, estes expressam a mentalidade dos redatores no período do exílio. De fato, o objetivo deste artigo é indagar sobre o modo como Jeremias e os coautores da carta aos exilados pensaram a reconstrução da vida dos judaítas no exílio; e buscar compreender como as indicações de Jeremias podem inspirar-nos para que também a nossa época seja um tempo de reconstrução. O método usado neste estudo será, especialmente o histórico-crítico, ao qual se acrescentarão colaborações da análise narrativa.

2 Contextualização da carta (vv. 1-3)

[1]Estas são as palavras da carta que o profeta Jeremias enviou de Jerusalém ao resto dos anciãos do exílio, aos sacerdotes, aos profetas e a todo o povo que

Nabucodonosor deportou de Jerusalém para a Babilônia, [2]depois que partiram de Jerusalém o rei Jeconias, a rainha-mãe, os oficiais, os príncipes de Judá e de Jerusalém, os artesãos e os ferreiros. [3][Foi levada] pelas mãos de Elasa, filho de Safã, e de Gemarias, filho de Helcias, que Sedecias, o rei de Judá, enviou à Babilônia, a Nabucodonosor, rei da Babilônia.

Os primeiros versículos do cap. 29 de Jeremias introduzem o conteúdo de uma carta que o profeta teria enviado para os judaítas exilados na Babilônia. O termo hebraico usado para "carta" é sēper , que significa também "livro". Pelo contexto, trata-se realmente de uma carta. No entanto, não possuímos a carta (o pergaminho físico que Jeremias teria enviado). Temos apenas esta apresentação da carta feita por um redator do livro de Jeremias que, por um lado, pode ser fragmentária, e por outro lado pode conter acréscimos. Além disso, esta introdução difere muito do modelo de cabeçalho das cartas conhecidas na época de Jeremias. Diversos óstracos encontrados nas escavações arqueológicas de Laquis contêm cartas deste período, trazendo a seguinte estrutura: endereço (destinatários), saudação inicial, a expressão "e agora" e o conteúdo da carta. O cap. 29 de Jeremias não segue esse modelo, mas apresenta as fórmulas típicas das profecias escritas: a expressão "assim disse Yahweh" aparece nove vezes; e "oráculo de Yahweh" oito vezes. Diante destas constatações, Smelik (1996, p. 283-285) pondera que a decisão em considerar que Jr 29 apresenta o conteúdo de uma carta ou de uma profecia não é fundamental para a interpretação do texto. Por outro lado, Lundbom (2008, p. 346) afirma que o texto se apresenta como um oráculo de Yahweh aos exilados. Mas observa que pela sóbria abertura e pelo conteúdo oracular, a carta de Jeremias se coloca na mesma linha da carta de Elias ao rei Jorão em 2Cr 21,12-15. Enfim, reiteramos que, de uma forma ou de outra, a carta/oráculo apresenta a mentalidade de Jeremias ou de um redator de seu livro em época exílica – e é justamente esta mentalidade que procuramos compreender.

Mesmo não seguindo os moldes de uma carta, esta introdução traz notícias sobre o remetente (Jeremias), o destinatário (anciãos, sacerdotes, profetas e todo o povo deportado), a ocasião (depois que o rei Jeconias saiu de Jerusalém...) e os mensageiros que teriam levado a carta até a Babilônia (Elasa e Gemarias). Dentre os destinatários, o único grupo que recebe o adjetivo yeter ("resto", remanescente") é o grupo dos anciãos. Há duas principais explicações para o uso deste adjetivo, conforme o significado que se atribui a ele. Interpretando ye<u>t</u>er no sentido clássico, como "remanescente": muitos anciãos deportados morreram à causa das perseguições ou da prisão, ou podem ter morrido naturalmente. Em alternativa, pode-se interpretar ye<u>t</u>er como "principal, proeminente", como em Gn 49,2: neste caso, a carta de Jeremias é dirigida não a todos os anciãos, mas apenas àqueles que exercem alguma liderança. Dentre estas possibilidades, a primeira explicação é preferível, porque não haveria sentido em limitar o grupo dos anciãos sendo que os demais destinatários são tomados como grupos amplos (MCKANE, 1986, p. 727-728). De qualquer maneira, os anciãos devem ter conservado sua autoridade moral na Babilônia, como sugerem suas intervenções no livro de Ezequiel (8,1; 14,1; 20,1-3); o mesmo vale para o período posterior ao retorno à terra de Judá (Esd 5,5.9; 6,7.8. 14). Todos os destinatários são colocados na mesma condição de terem sido deportados por Nabucodonosor, rei da Babilônia.

A referência histórica (v. 2) é a primeira deportação dos judaítas para a Babilônia depois da captura de Jerusalém por Nabucodonosor, no ano 597 a.C., um evento não reportado pelo livro de Jeremias, a não ser a breve menção da substituição de Jeconias

por Sedecias em Jr 37,1. A vitória de Nabucodonosor contra Jerusalém é narrada por 2Rs 24,10-17 e pela Crônica Babilônica, incluindo a deportação do rei e do povo, a nomeação de um novo rei e a apreensão de um grande tesouro (LUNDBOM, 2008, p. 348). O v. 2 é parentético em relação ao v. 1, pois explica quem eram os deportados de Jerusalém: o rei Jeconias, sua mãe, os oficiais, os príncipes, os ferreiros e os serralheiros, ou seja, as autoridades e os trabalhadores especializados. Em Jr 24,1 são mencionadas as mesmas categorias, exceto a rainha-mãe e os eunucos. O cargo de rainha-mãe pertencia ao alto escalão, com prerrogativas oficiais. Ainda mais no caso de Jeconias, que começou a governar com apenas 18 anos (2Rs 24,6-8). Ele reinou por apenas três meses em Jerusalém (2Rs 24,12.15; Jr 29,2), isso explica porque sua mãe ainda estava ao seu lado no momento da deportação (HOLLADAY, 1989, p. 140). O termo sārîs normalmente é traduzido como "eunuco", mas a instituição dos eunucos não existia em Israel, então neste caso é melhor traduzir como "oficial". Trata-se de oficiais da coorte, servos domésticos do rei. Já os príncipes (śar) eram administradores civis, chefes das famílias mais importantes do país (MACKAY, 2018, p. 169).

A carta foi levada à Babilônia por meio de uma embaixada enviada por Sedecias (v. 3). Mais adiante, quando uma segunda embaixada irá para a Babilônia, no quarto ano de Sedecias, Jeremias enviará novamente um pergaminho contendo a profecia sobre a queda da Babilônia (51,59-64). O texto não especifica qual era missão desta embaixada. Katho (2013, p. 352-353) procura reconstruir o possível contexto desta missão a partir de algumas informações espalhadas pelo livro de Jeremias. Em Jerusalém, uma nova elite pró-Egito viu em Psamético II (595–589 a.C) um possível libertador do domínio babilônico. Provavelmente, pequenos reinos da Palestina, como Edom, Moabe, Amon, Fenícia e Judá, foram convocados pelo novo faraó para formarem uma coalizão anti-Babilônica (Jr 27,3). Ao mesmo tempo, surgiam agitações no território da Babilônia. Em 596-595 a.C., os elamitas tentaram atacar a Babilônia (49,34-39). Um ano mais tarde, Nabucodonosor precisou suprimir uma rebelião na capital, da qual alguns judeus parecem ter tomado parte, mas foram executados de forma exemplar (29,21-23). Diante de tudo isso, provavelmente Sedecias precisou mandar uma embaixada a Nabucodonosor para confirmar sua lealdade.

Os dois embaixadores aqui citados (Elasa, filho de Safã, e Gemarias, filho de Helcias) são filhos de personagens importantes da reforma de Josias no ano 622 a.C.: Helcias foi o sumo sacerdote que encontrou o livro da Lei no templo, e Safã foi o escriba que leu o livro diante de Josias (2Rs 22,8-20). Além disso, a família de Elasa era influente durante o reino de Joaquim, tanto que um de seus irmãos, Aicam, protegeu Jeremias após seu julgamento no 609 a.C. (Jr 26,24), e outro irmão, Gemarias, foi um dos que insistiram com Joaquim para não queimar o rolo de Jeremias (36,10-12.25). A amizade de Jeremias com a família de Elasa explica a confiança do profeta em entregar em suas mãos uma carta tão delicada, que poderia não encontrar os favores de Jeconias, caso fosse descoberta (LUNDBOM, 2008, p. 350).

3 Reconstruir a vida no presente na Babilônia (vv. 4-9)

> [4]Assim disse Yahweh dos exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados que eu deportei de Jerusalém para a Babilônia: [5]Construí casas e habitai nelas, plantai pomares e comei os seus frutos. [6]Tomai esposas e gerai filhos e filhas, e tomai esposas para vossos filhos e dai vossas filhas a maridos para que gerem filhos e

filhas; multiplicai-vos ali e não diminuís. [7]Procurai a paz da cidade para onde vos deportei e orai por ela a Yahweh, porque a sua paz será a vossa paz. [8]Porque assim disse Yahweh dos exércitos, o Deus de Israel: Não vos enganem os vossos profetas que estão em meio a vós, nem os vossos adivinhos, e não escutais os sonhos que vós sonhais. [9]Porque eles vos profetizam mentiras em meu nome; não os enviei, oráculo de Yahweh.

A introdução do primeiro oráculo de Yahweh, que corresponderia ao início das palavras da carta de Jeremias, é no mínimo surpreendente: da apresentação em terceira pessoa ("disse Yahweh") se passa imediatamente à primeira pessoa ("que eu deportei"). Smelik (1996, p. 287) observa que o sujeito da grande maioria dos verbos da carta é Yahweh. É Ele quem age pelo bem e pelo mal do seu povo. É Ele o causador do exílio (v. 4), mas é Ele também o futuro libertador que mudará o destino do seu povo (vv. 10-14). Mackay (2018, p. 170-171) vê uma outra razão para esta afirmação em primeira pessoa. Presumivelmente muitos exilados interpretavam a situação deles como um abandono da parte de Deus; talvez até imaginassem que Yahweh não tinha poder sobre eles em terra estrangeira. As falsas profecias que ouviram em Jerusalém reforçavam essa ideia, pois os profetas adversários de Jeremias haviam garantido que a Babilônia não venceria. A afirmação de que Deus era o autor do exílio servia para lhes assegurar que Deus tinha o controle sobre tudo o que estava acontecendo (compare com Jr 24,5). Nabucodonosor era apenas um agente que o Senhor tinha usado para cumprir seus propósitos, mas nada aconteceu nem iria acontecer sem o consentimento de Yahweh.

O primeiro título aplicado a Deus nessa carta é "Yahweh dos exércitos" (v. 4), que será repetido ainda três vezes ao longo do capítulo (vv. 8, 17, 21). Van den Berg (2000, p. 212-213) destaca a distância entre este título e o conteúdo real da carta. "Yahweh dos exércitos" é o título do Deus de Israel em batalha, trazendo a vitória a seu povo. Iniciar uma carta com esse nome divino poderia trazer a expectativa aos ouvintes de que a libertação deles estava próxima. Mas não é disso que a carta tratará nos versículos seguintes. As instruções dadas por Jeremias ao longo do texto contrastam essa expectativa inicial e sugerem uma longa permanência na Babilônia.

Os verbos bānâ (construir) e nāṭaʿ (plantar) são programáticos no livro de Jeremias, presentes desde o seu chamado à missão profética (1,10) e percorrendo toda a sua carreira (18,9; 24,6; 29,28; 31,4-5.28; 35,7; 42,10; 45,4). Além disso, são verbos conectados com a herança da terra prometida: Deus deu ao povo a terra de Canaã, para que vivam em casas que não construíram e comam os frutos da terra que não plantaram (Dt 6,10-11). Era preciso viver na Babilônia como viviam na terra prometida (HALL, 2017, p. 56-57). Se Jeremias exorta os exilados a construir, morar, plantar e comer tranquilamente na Babilônia, é porque eles não vivem como prisioneiros de guerra, mas podem gozar de certa liberdade. Na prática, o profeta está aconselhando que eles se acomodem por um tempo, porque não voltarão para Judá em um futuro próximo. Estas indicações são bem diferentes das palavras do Segundo Isaías (65,21), que promete a construção de casas e plantio de jardins no retorno dos exilados (LUNDBOM, 2008, p. 351). Contudo, é preciso notar que a época do Segundo Isaías é muito mais próxima do retorno a Jerusalém.

A recomendação para que os exilados se casem e gerem filhos (v. 6) é outro indício de que o exílio não acabará em breve: durará pelo menos duas gerações (gerar filhos e fazer que eles se casem e gerem filhos). Trata-se de viver bem o presente, pensando nas próximas gerações, construindo um futuro para os próprios descendentes,

pois serão eles que retornarão à terra de Judá. O convite é dirigido a uma geração que deixou sua terra e que não voltará para lá, mas que deve manter viva a esperança por seus filhos (KATHO, 2013, p. 359).

Em situações de extrema angústia, é comum ouvir conselhos bíblicos para não se casar nem ter filhos (veja Mc 13,17-19; Lc 23,28-31; 1Cor 7,25-26). Até Jeremias recebeu esta ordem do Senhor diante da ameaça que pairava sobre Judá (Jr 16,1-4). Ao contrário, o imperativo de multiplicar-se em terra estrangeira lembra a situação dos israelitas no Egito (Ex 1,7; Dt 26,5). Em outras passagens no livro de Jeremias, o Senhor promete que o povo se multiplicará e será frutífero quando retornará a Sião (3,16; 23,3; 30,19) (LUNDBOM, 2008, p. 351). Mas nesta passagem, os imperativos de gerar filhos e multiplicar-se (vv 5-6) são aplicados no contexto do exílio. Estes imperativos são claramente uma expansão do comando divino na tradição Sacerdotal de Gênesis (1,22.28; 9,1.7). Além disso, recordam a promessa divina ligada à aliança com Abraão, de lhe dar uma numerosa descendência. A deportação era sinal do rompimento da aliança por parte do povo de Israel, mas a ordem de gerar filhos se torna sinal de que Deus está disposto a renovar a aliança, se os exilados voltarem à obediência à sua Palavra (MACKAY, 2018, p. 172-174).

Rom-Shiloni (2014, p. 973-974), no grande comentário feito por estudiosos judeus à Tanakh (que nós chamamos de Antigo Testamento), vê nestes versículos de Jeremias uma reversão na concepção deuteronômica do exílio, através de três alusões operadas pelo texto de Jr 29,5-6. Em primeiro lugar, construir casas, plantar vinhas, casar-se e gerar filhos aparecem em Dt 20,5-7 como sinais do permanente assentamento do povo da terra prometida. Por outro lado, a dissolução forçada do casamento, a perda do lar, a falta do fruto da vinha e a ausência de filhos são parte das maldições pela desobediência à aliança em Dt 28,30-32. Enfim, em Dt 4,27 o exílio é definido como o momento em que Israel irá diminuir, será disperso entre as nações e restará em pequeno número. Contrariando a perspectiva do Deuteronômio, Jeremias instrui os exilados para que construam, plantem, casem-se e se multipliquem na Babilônia, vivendo ali como viveriam na terra prometida. Na prática, é como se Yahweh estivesse removendo as maldições pela desobediência e permitindo uma vida renovada longe de casa.

No v. 7 aparece pela primeira vez o termo šālôm (paz), que em uma carta normal deveria estar na saudação inicial. A saudação que se esperaria seria šālôm lākem ("paz para vocês," Gn 43,23) ou uma expressão equivalente. Aqui temos, em vez disso, "a sua paz [da Babilônia] será a vossa paz". A mensagem que chega ao destinatário é que a sua paz no exílio depende da obediência à palavra de Deus que é, no mínimo, inesperada: rezar pela Babilônia (HOLLADAY, 1989, p. 138). Katho (2013, p. 348-349) sublinha que o termo šālôm aparece no livro de Jeremias quase sempre com valência negativa, ligado aos falsos profetas que garantiam a paz como um falso senso de segurança motivado pela tradição da inviolabilidade de Sião (Jr 4,10; 6,14 14,13). A única recorrência do termo šālôm em sua valência positiva é esta em 29,7. Nos caps. 27-28, Jeremias advertiu os habitantes de Jerusalém a se submeterem à Babilônia, mas não foi ouvido, e o resultado foi catastrófico. Seu ensinamento aos exilados segue a mesma linha: submeter-se por um tempo à Babilônia, evitar as revoltas e buscar a paz.

Buscar a paz da cidade é o contrário do que Dt 23,7 prescrevia quanto aos amonitas e moabitas: "não busque a paz nem o bem deles todos os dias para sempre". Buscar a paz e rezar pelos próprios opressores também contraria o sentimento humano de qualquer exilado. Van den Berg (2000, p. 214-215) sugere que os exilados poderiam até rezar o Sl 122 pedindo a paz de Jerusalém, mas rezar pela paz da Babilônia seria

humanamente impensável para eles. Porém é justamente isso que Deus lhes comanda. Para Lundbom (2008, p. 351-352), procurar a paz significa, no primeiro nível, não se envolver em revoltas. Mas não basta. O šālôm hebraico implica engajamento, ação, boa conduta para construir o bem-estar na cidade, para todos que ali se encontram. O texto não especifica qual cidade. Além da capital Babilônia, sabemos por meio de fontes extrabíblicas (especialmente o arquivo de Bīt Murašû) que os judeus se estabeleceram também nas proximidades de Uruk e de Nippur. Uma variante da tradução grega dos Setenta amplia o significado das palavras de Jeremias, colocando tēs gēs ("da terra") no lugar de hā'îr ("a cidade") do texto hebraico. A oração por uma nação estrangeira é um tema presente também em outras partes da Bíblia: em Br 1,11 o povo é instruído a orar pela vida de Nabucodonosor e seu filho; em Mt 5,44 Jesus pede que seus discípulos rezem por seus perseguidores; e Paulo instrui os cristãos para que rezem pelos reis e demais autoridades (1Tm 2,1-4).

Lendo em conjunto os vv. 6-7, percebemos que a mensagem de Jeremias aos exilados não é simplesmente que eles não voltarão para casa em breve (como em 28,6-14). Na verdade, o profeta está sugerindo que a permanência dos judaítas na Babilônia não seja simplesmente negativa, mas positiva: por um tempo, seu lar se encontra na Babilônia, e lá eles devem construir suas vidas. Diante de possíveis novas revoltas, Jeremias está sutilmente aconselhando seu povo a não participar de rebeliões. Mas não basta abster-se de revoltas, é preciso superar a tentação de viver alienados, isolados da sociedade ao redor. Eles devem orar e buscar a paz e a prosperidade da Babilônia, pois assim irão igualmente prosperar (HOLLADAY, 1989, 141). A positividade destes versículos contrasta o famoso lamento do Sl 137, que fala de choro na Babilônia, saudades de Sião e impossibilidade de cantar os cânticos do Senhor. Ao contrário, Jeremias adverte os exilados a reconstruírem suas vidas em terra estrangeira, gerando filhos e buscando a paz: fazendo isso, estarão cumprindo o projeto de Deus e preparando o seu retorno a Sião, que será o tema da segunda parte da carta (SMELIK, 1996, p. 290).

Os estudiosos admitem, em geral, que a condição dos judaítas no exílio não era tão dura como algumas páginas bíblicas descrevem. De fato, quando o decreto de Ciro permitiu que voltassem para Judá, muitos preferiram permanecer na Babilônia (Esd 8,15). No entanto, Jeremias está se dirigindo aos exilados nos primeiros anos desde sua chegada na Babilônia, ou seja, no período inicial de adaptação, com todos os medos e inseguranças pelo futuro, quando o trauma pela derrota militar e pela deportação forçada ainda estava vivo na memória. Certamente foram necessários alguns anos para reconstruírem a vida naquela terra estrangeira, tanto no nível econômico, quanto no nível psicológico-espiritual (KATHO, 2013, p. 356-357).

A advertência quanto aos falsos profetas (vv. 8-9) traz para os exilados na Babilônia uma mensagem entregue anteriormente a Jerusalém (cc. 27-28). Na verdade, o texto hebraico não traz o adjetivo "falso" diante de "profeta" (nābîʾ), mas a versão dos Setenta tem pseudoprophētai (falsos profetas). Mesmo assim, pelo conteúdo da frase, compreendemos que se está falando dos falsos profetas: "eles vos profetizam mentiras em meu nome" (v. 9a). Além dos profetas, são considerados dois grupos próximos à profecia: os adivinhos e os sonhadores. Em Jr 14,14 diz-se que os profetas judaítas praticam a adivinhação, mas somente aqui os adivinhos são considerados ativos na comunidade. Nas suas demais aparições no livro de Jeremias, os adivinhos estão no contexto de nações estrangeiras (27,9; 50,36). Em Israel, de fato, sua atividade era proibida explicitamente (Dt 18,10; 1Sm 15,23; 2Rs 17,17; Zc 10,2). Talvez agora em um país estrangeiro eles se sentem livres para praticar suas artes secretas (LUNDBOM, 2008,

p. 352-353). O problema é que, deste modo, eles estão praticamente adotando os costumes dos gentios, coisa que o Yahweh havia proibido fortemente por meio de Jeremias (10,1-16). Profetas e sonhadores aparecem juntos também em Dt 13,2-6, justamente em uma admoestação para não dar ouvidos a eles. A interpretação dos sonhos como uma forma de prever o futuro era muito difundida em todo o Oriente Antigo (HOLLADAY, 1989, 121 e 141).

O texto não especifica o conteúdo das falsas profecias, mas pelo contexto podemos supor que se tratava de mensagens que buscavam encorajar rebeliões contra o domínio babilônico, afirmando que o exílio duraria pouco. Talvez eram profecias inspiradas na promessa de Isaías a Ezequias durante o cerco assírio a Jerusalém, promessa de que a cidade e o templo seriam preservados da destruição e quem confiasse na inviolabilidade de Sião seria salvo (2Rs 19,17-31; Is 36-37). Os profetas poderiam argumentar que a cidade e o templo foram preservados durante a campanha babilônica do 597 a.C., alimentando a esperança de uma libertação próxima. Somente depois da destruição de Jerusalém no ano 587 a.C. estas profecias foram completamente silenciadas (HALL, 2017, p. 54).

4 Esperar a futura reconstrução em Jerusalém (vv. 10-14)

> [10]Assim disse Yahweh: Somente quando se cumprirem setenta anos para a Babilônia, vos visitarei e cumprirei por vós a minha boa palavra de vos fazer retornar a este lugar. [11]Pois eu conheço os desígnios que eu teci a vosso respeito, oráculo de Yahweh, desígnios de paz e não de desventura, para vos dar um futuro e uma esperança. [12]Então me invocareis e passareis a orar a mim, e eu vos escutarei. [13]Vós me procurareis e me encontrareis, porque me procurareis de todo coração; [14]e serei encontrado por vós, oráculo de Yahweh. Mudarei a vossa sorte e vos reunirei de todas as nações e de todos os lugares para onde vos dispersei, oráculo do Senhor. E vos farei retornar ao lugar de onde vos deportei.

Os versículos 10-14 são uma proclamação de salvação. A expressão hebraica lepî (v. 10) com infinitivo significa "somente quando", indicando um período mínimo de espera (como em Nm 9,17). O período especificado (70 anos) é um número simbólico pouco preciso. O exílio dos judaítas na Babilônia foi menor do que esta previsão de Jeremias: considerando o Edito de Ciro (538 a.C.) como a conclusão do exílio, temos um período de 59 anos para o primeiro grupo de exilados (597 a.C.) e 49 anos para o segundo grupo (587 a.C.). Sendo um número redondo, 70 anos pode significar o tempo de uma vida normal (Sl 90,10). Mas pode também refletir uma crença geral da Babilônia: na Pedra Negra de Esarhaddon afirma-se que o deus Marduk permaneceu 70 anos irado com a Babilônia. Este período parece ser o tempo esperado para que uma cidade oriental antiga ficasse desolada (o mesmo se observa em Is 23,15 em relação a Tiro). O livro de Zacarias parece sugerir que estes 70 anos fossem o período da ira do Senhor até a conclusão da reconstrução do templo no ano 516 a.C.: "Yahweh dos Exércitos, até quando demorarás ainda a ter piedade de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás irado, há setenta anos?" (Zc 1,12). Neste caso, devemos calcular a partir da segunda deportação (587 a.C.), mas a carta de Jeremias aos exilados está situada antes desta data (HOLLADAY, 1986, p. 668-669). Além destas conjeturas para explicar o

número 70, uma coisa é clara: Jeremias está afirmando que o exílio será longo, ao contrário do que muitos poderiam imaginar. De fato, o confronto entre Jeremias e o falso profeta Hananias está centrado justamente no problema da duração do exílio: enquanto Hananias profetizava que o domínio babilônico terminaria em dois anos (28,3.11), Jeremias advertia que este não acabaria tão cedo. Portanto, 70 anos pode simplesmente significar um período mais longo do que o esperado.

Depois de garantir que a realização da promessa vai acontecer, mesmo que demore um pouco, Yahweh afirma: "eu conheço os desígnios que eu teci a vosso respeito..." (v. 11). Para Hall (2017, p. 58), este é o versículo mais mal empregado do AT, porque foi tirado de seu contexto e romantizado como se fosse uma garantia dada por Deus de que Ele realiza tudo para o nosso bem. Todavia, pondera o autor, os exilados provavelmente não sentiram isso quando ouviram tais palavras no contexto em que se encontravam. Antes de tudo, este versículo é dirigido a uma nação, não a um indivíduo, e afirma que a derrota e o exílio fazem parte dos desígnios do Senhor. Além disso, o desígnio de paz e de esperança é para o futuro, para as próximas gerações, não para aqueles que no momento liam/ouviam a profecia de Jeremias. A geração que viu a derrota de Jerusalém e que deixou tudo o que possuía para trás deve simplesmente reconstruir sua vida no exílio, alimentando a esperança de retorno não para si mesmos, mas para seus filhos. Não são palavras desesperadoras, mas certamente não havia nada de romântico e motivacional neste anúncio.

No v. 7 a paz deveria ser buscada na Babilônia, no presente. No v. 11, esta paz se torna objeto de esperança a ser alcançado no futuro. O exílio pode ser longo, mas não é o final da história: os judaítas retornarão à sua terra. Enquanto isso não acontece, estando eles ainda em terra estrangeira, sem templo, poderão invocar o Senhor e serão atendidos (v. 12). Assim como no v. 7 a oração pela cidade é agradável ao Senhor, aqui a oração dos exilados por eles mesmo é acompanhada pela promessa de que Deus a ouvirá. Ao contrário da proibição constante a Jeremias de rezar pelo povo (7,16; 11,14; 14,11), neste capítulo os judaítas são convidados a rezar pela Babilônia (v. 7) e por eles mesmo (v. 12), com a certeza de que Yahweh os ouvirá (HOLLADAY, 1989, p. 141-142.). A oração do povo longe do templo, em período de exílio, era uma das sete ocasiões que Salomão havia contemplado em seu discurso durante a dedicação do templo (1Rs 8,46-52). O tema do buscar o Senhor com todo coração pois ele se deixa encontrar (vv. 13-14a) está presente também em Dt 4,29, dentro da perícope que anunciava o futuro exílio (4,25-31). Ou seja, mesmo na Babilônia, longe do seu templo, mesmo depois de terem quebrado a aliança, Yahweh se deixa encontrar pelo seu povo e lhes dá seu favor. O retorno à terra deverá ser precedido de um retorno ao Senhor (MACKAY, 2018, p. 177).

A última parte do oráculo do Senhor ("Mudarei a vossa sorte...") no v. 14 do texto massorético está ausente na Septuaginta, possivelmente à causa de uma haplografia. Visto que šebît poderia significar também "fortuna", a expressão poderia ser traduzida como "eu restaurarei vossas fortunas" (v. 14a). Neste caso, seria uma referência tanto aos tesouros do templo levados para a Babilônia, quanto às fortunas deixadas em Jerusalém pelos judaítas levados em exílio: casas, campos e vinhas (Jr 32,15.43-44; Ez 11,17). De fato, o primeiro grupo de deportados era constituído basicamente pelas classes econômicas superiores (LUNDBOM, 2008, p. 354-355).

Depois de anunciar a mudança da sorte do povo, Yahweh promete o retorno de todos os que Ele mesmo havia dispersado anteriormente (v. 14b). Um retorno ao mesmo lugar de onde os deportou (v. 14c), ou seja, Jerusalém. O fim do exílio e o

retorno à terra de Judá acontece por iniciativa do Senhor, não pela ação do povo. No entanto, a iniciativa do Senhor começa com um convite aos judaítas no exílio para que o invocassem e o buscassem, seguido pela resposta positiva do povo (vv. 12-14a). Esta conclusão está em perfeito acordo com a primeira parte da carta (vv. 4-9): enquanto estiverem na Babilônia, rezem por ela e vivam em paz; quando se completar o tempo para a Babilônia e chegar a hora de voltar para Judá, invoquem o Senhor e tereis paz em Jerusalém. Há uma unidade entre as duas partes da carta quanto à ação de Deus em relação ao seu povo, que é marcada pela misericórdia, tanto no exílio, quanto no retorno em Judá (SMELIK, 1996, p. 288).

5 Considerações finais

A carta de Jeremias aos exilados é um texto surpreendente do AT, pois contrasta a visão dominante que apresenta o exílio na Babilônia como uma situação predominantemente negativa, confirmando ulteriormente a genialidade do profeta Jeremias. A prudência e o equilíbrio alcançado nas sábias instruções são exemplares. Ao mesmo tempo, o profeta pensa no presente e no futuro; procura orientar a geração contemporânea e preparar as gerações futuras; mantém os pés firmes no realismo, sem perder a esperança. Os exilados são convidados a reconstruírem suas vidas agora, no presente, na Babilônia. Mas isso não significa resiliência nem abandono da esperança de retornarem a Jerusalém. Reconstruindo suas vidas na Babilônia estarão preparando a futura reconstrução de Jerusalém, pois estarão gerando e dando boas condições à descendência que retornará à terra prometida.

Os tempos de reconstrução nem sempre são tempos ideais. Como vimos ao longo deste estudo, o exílio na Babilônia não foi completamente negativo. Os exilados gozavam de certa liberdade e muitos fizeram fortuna na terra estrangeira, tanto que preferiram não retornarem a Jerusalém quando lhes foi permitido. No entanto, o processo de reconstrução não se deu imediatamente, nem foi um processo indolor. Jeremias pede aos deportados para que plantem, edifiquem, casem-se e gerem filhos em um momento difícil, quando o trauma pela derrota militar de Jerusalém e a deportação forçada ainda estava vivo na memória. Reconstruir, em qualquer época da história, pode ser um desafio.

Não vivemos um momento espetacular da história universal. O mundo inteiro passa por diversas crises: militar, econômica, política, existencial, moral, etc. A América Latina e o Brasil, em particular, têm passado por situações sociopolíticas nada positivas, que não inspiram esperança. A sensação de que nunca saímos do lamaçal da corrupção, a constatação de que a pobreza, a fome e a violência só aumentam, as injustiças sociais que se multiplicam – tudo isso vai dissolvendo aos poucos a nossa esperança e a nossa vontade de buscar um mundo melhor. Os falsos profetas continuam agindo hoje, exatamente como na época de Jeremias, pregando a rebelião, as armas e a violência como solução. Neste contexto, as palavras da carta de Jeremias aos exilados soam como uma veemente advertência para nós: esse é o tempo de reconstrução. Agora é a hora de plantar, edificar, buscar a paz, rezar pelas nossas nações e preparar as próximas gerações, criando as condições para que possam crescer com esperança renovada.

Pode ser que a nossa geração não chegue a colher os frutos de seu esforço atual, mas isso aconteceu também com a geração de Jeremias: com aqueles que estavam em

Jerusalém e com os exilados. As palavras de Jeremias são proféticas justamente porque estão ancoradas no seu tempo, mantendo o olhar no futuro. A sabedoria para lutar e esperar hoje passa pela capacidade profética de estar com os pés firmes no presente, sem olhar para trás desesperados, mas mantendo os olhos no futuro que desejamos e que lutamos para construir. É preciso plantar, edificar, buscar a paz e rezar no presente para que nossos filhos possam colher os frutos destes tempos de reconstrução.

Referências

BAZYLINSKI, Stanislaw. *Guida ala ricerca Biblica.* 4. ed. Roma: Gregorianan & Biblical Press, 2016.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia.* 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

HALL, Gary. Jeremiah 29: A theological foundation for urban mission? A case study in Old Testament hermeneutics. *Stone Campbell Journal,* Knoxville, v. 20, p. 53-62, 2017.

HOLLADAY, William Lee. *Jeremiah 2:* a commentary on the Book of the Prophet Jeremiah, chapters 26–52. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

KATHO, Bungishabaku. Seek the peace of the city… for in her peace there shall be peace for you (Jeremiah 29:4-9). *Old Testament Essays,* South Africa, v. 26, n. 2, p. 348-364, 2013.

LUNDBOM, Jack R. *Jeremiah 21-36: a new translation with introduction and commentary*. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

MACKAY, John L. *Jeremias.* São Paulo: Cultura Cristã, 2018. v. 2.

MCKANE, William. *A critical and exegetical commentary on Jeremiah*. Edinburgh: T&T Clark International, 1986. v. 2.

ROM-SHILONI, Dalit. Jeremiah. *In:* BERLIN, Adele; BRETTLER, Marc Zvi (Eds.). *The Jewish study Bible.* 2. ed. Oxford: University Press, 2014. p. 901-1032.

SMELIK, Klaas A. D. Letters to the exiles. *Scandinavian Journal of the Old Testament*, Oslo, v. 10, n. 2, p. 282-295, 1996.

VAN DEN BERG, Meint R. *Jeremías. Una introducción a sus profecías.* [Barcelona]: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 2000.